

Papa Francisco critica limitações políticas, sociais e ecológicas do Brasil

O Papa Francisco voltou a criticar o cenário político do governo Bolsonaro no último sábado, 12, em mensagem de homenagem ao povo brasileiro e ao dia de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do país. “Que Ela (a padroeira) os acompanhe em suas dores, quando não podem crescer por tantas limitações políticas ou sociais ou ecológicas, e de tantos lugares provêm. Que Ela os ajude a crescer e a se libertar continuamente”, afirmou o Sumo Pontífice, em vídeo gravado no intervalo matutino da 7ª Congregação Geral nos trabalhos do Sínodo dos Bispos para a Amazônia.

No mesmo dia, em Aparecida (SP), o arcebispo Dom Orlando Brandes fez críticas explícitas ao

momento de retrocessos no país, com um governo que ataca direitos da população. Brandes criticou o que chamou de “dragão do tradicionalismo” e disse que “direita é violenta e injusta.”

“Temos o dragão do tradicionalismo. A direita é violenta, é injusta, estão fuzilando o Papa, o Sínodo, o concílio Vaticano Segundo. Parece que não queremos vida, o concílio Vaticano, segundo o evangelho, porque ninguém de nós duvida que esta é a grande razão do sínodo do concílio deste santuário, a não ser a vida como já falei”, afirmou Dom Orlando, segundo reportagem do G1.

Na oração da Hora Média que deu início aos trabalhos do Sínodo, no Vaticano, neste sábado, a reflexão

foi de dom Sérgio Eduardo Castriani, arcebispo de Manaus. Dom Sérgio não está presente no Sínodo, por motivo de saúde, mas enviou a sua reflexão, lida por dom José Albuquerque de Araújo, bispo-auxiliar de Manaus.

Dom Sérgio pede que a Mãe de Jesus, frágil como as mulheres amazônicas, mas uma fragilidade aparente que se transforma em força gigantesca quando se trata de defender a vida, nos proteja da tentação de fazer da Amazônia uma terra de ganho e lucro, transformando o dom em mercadoria. “Que a Igreja com suas mulheres reconhecidas na sua ministerialidade seja sempre uma mãe que cura e que liberta. Mãe Aparecida, rogai por nós”.

Com informações da CUT

“Apesar de você, amanhã há de ser outro dia”
Chico Buarque

15 de outubro
Dia do Professor!

Sua profissão é a única que torna todas as outras possíveis. Em suas mãos o poder de transformar o mundo! Nossos agradecimentos por repartir seus conhecimentos, vivências, experiências, e fazer-nos acreditar que somos capazes de transformar sonhos em realidade.

SINDSEP
SINDICATO DOS SERVIDORES PÚBLICOS FEDERAIS NO ESTADO DO MARANHÃO

Filiado a CUT CONDESEP FENOSSEP



O Medo e o Ego

Por Matthieu Ricard (Escritor)

O ego, escreve o filósofo budista Han de Wit, “é também uma reação afetiva ao nosso campo de experiência, um movimento mental de recuo baseado no medo”. Por medo do mundo e dos outros, por receio de sofrer, por angústia sobre o viver e o morrer, imaginamos que ao escondermo-nos dentro de uma bolha — o ego — estaremos protegidos. Criamos, assim, a ilusão de estarmos separados do mundo, acreditando que dessa forma evitaremos o sofrimento. Na realidade, o que acontece nesse caso é justamente o contrário, uma vez que o apego ao ego e à auto importância são os melhores ímãs para atrair o sofrimento.

O genuíno destemor surge com a confiança de que seremos capazes de reunir os recursos interiores necessários para lidar com qualquer situação que surja à nossa frente. Isso é totalmente dife-

rente de retirar-se na auto aborção, uma reação de medo que perpetua profundos sentimento de insegurança.

Cada um de nós é, de facto, uma pessoa única, e está certo reconhecermos e apreciarmos quem somos. Mas ao reforçarmos a identidade separada do ego, perdemos a sintonia com a realidade. A verdade é que somos fundamentalmente interdependentes das outras pessoas e do ambiente. A nossa experiência é o conteúdo do fluxo mental, do contínuo da consciência, e não há justificativa para ver o ego como uma entidade distinta desse fluxo.

Imagine uma onda que se propaga, influencia o ambiente e é influenciada por ele, sem que por isso se transforme no meio de veiculação ou transmissão de qualquer entidade particular.

Porém estamos tão acostumados a fixar o rótulo de “eu” a esse fluxo mental, que chegamos

a nos identificar com este último e temer o seu desaparecimento. Segue-se daí um poderoso apego ao ego e à noção de “meu” — meu corpo, meu nome, minha mente, minhas posses, meus amigos, e assim por diante — que leva ao desejo de possuir ou ao sentimento de repulsa pelo “outro”.

É assim que os conceitos de “eu” e “outro” se cristalizam na nossa mente. Ficamos com a impressão errada de que existe uma dualidade irreduzível e inevitável, criando assim a base para todas as nossas aflições mentais, como o desejo alienante, o ódio, o ciúme, o orgulho e o egoísmo.

Nesse ponto percebemos o mundo através do espelho deformante das nossas ilusões e permanecemos em desarmonia com a verdadeira natureza das coisas, o que leva à frustração e ao sofrimento.